



CORPO, RAÇA E PSICOLOGIA: REPENSANDO O SILÊNCIO DOS JUSTOS

Adriana Soares Sampaio¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo lançar luz para importância da compreensão das relações raciais no Brasil para práxis dos profissionais de psicologia nos seus variados campos de atuação. Para tal, a autora apoiou-se nos conceitos de "situação conflitual traumatizante" (Podkameni e Guimarães, 2008) e de "trança perversa" (Sampaio, 2009), para destacar as implicações psíquicas e psicossomáticas da vivência cotidiana de exposição ao racismo, ressaltando a urgência da sua efetiva discussão e inclusão nos cursos de formação e na pauta dos psicólogos brasileiros.

Palavras-chave: raça; racismo; saúde mental e psicologia.

BODY, RACE AND PSYCHOLOGY: RETHINKING THE SILENCE OF THE RIGHTEOUS

Abstract: The objective of this essay is to give a special focus on the importance of the comprehension of relationships among races in Brazil for the praxis of the psychology professionals in its several fields of actuation. In order to do that, the author based on the concepts of "traumatic conflictual situation" (Guimarães and Podkameni, 2008) and "perverse braid" (Sampaio, 2009) to work on the psycho and psychosomatic implications of the daily routine of racism exposition, begging for an effective discussion and inclusion in graduation courses, as well as among Brazilian psychologists.

Key-words: race; racism; mental health and psychology.

CORPS, RACE ET PSYCHOLOGIE: REPENSER LE SILENCE DES INNOCENTS

Resumée: Le présent article a comme objectif donner importance à la compréhension des relations raciales au Brésil pour la praxis des professionnels de psychologie dans ces domaines variés d'actuation. Pour cela, l'auteur a appui aux concepts de « situation conflictuelle traumatique » (Guimarães et Podkameni, 2008) et de « tresse perverse » (Sampaio, 2009) pour montrer les implications psychique e psychosomatiques dans le quotidien de l'exposition au racisme, en relevant l'urgence de sa discussion et l'inclusion aux cours de formation et aux domaines des psychologues brésiliens.

Mots-clés: race; racisme; santé mentale et psychologie.

CUERPO, RAZA Y PSICOLOGÍA: REPENSANDO EL SILENCIO DE LOS JUSTOS

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo lanzar luz para la importancia de la comprensión de las relaciones raciales en Brasil para la praxis de los profesionales de psicología en sus variados campos de actuación. Para ello, la autora se apoyó en los conceptos de "situación conflictiva traumatizante" (Guimarães y Podkameni, 2008) y de "trenza perversa" (Sampaio, 2009), para destacar las implicaciones psíquicas y psicossomáticas de la vivencia cotidiana de exposición al racismo, ressaltando la urgencia de su efectiva discusión e inclusión en los cursos de formación y en la pauta de los psicólogos brasileños.

Palabras-clave: raza; racismo; salud mental y psicología.

¹ Psicóloga Clínica, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC - SP, alumni do International Fellowships Program - IFP (Fundação Ford) e Especialista em História da África e do Negro no Brasil.



INTRODUÇÃO

A psicologia brasileira possui uma grande lacuna na discussão acerca das relações raciais e, conseqüentemente do racismo no Brasil. Tal percepção traz à baila o desafio que é a abordagem desta questão em um país que ainda nos dias atuais nega a sua ideologia racista associada a uma psicologia majoritariamente importada em suas bases teóricas

Inúmeros esforços têm sido empreendidos por pesquisadores através de suas publicações com o intuito de apreender o significado emocional do ser negro em nosso país, e ações tem sido desenvolvidas pelo CFP como a criação da referência: Relações raciais: referências técnicas para a prática da (o) psicóloga(o) (2017) , da Resolução 018/2002 e ações desenvolvidas pelos CRPs com grupos de discussão para abordar essa questão.

Contudo, no que tange a efetiva práxis psicoterapêutica, ainda deparamo-nos com a dificuldade de compreensão e do acolhimento deste relato por parte de alguns profissionais, assim como a busca por um aprofundamento teórico que os embase e os oriente.

Encontramo-nos embrionários na inserção da questão nos currículos de formação básica (graduação) e de pós-graduação, dificultando a percepção dos inicialmente alunos e em breve profissionais para a importância do acolhimento deste discurso, o retirando do campo meramente individual e o inserindo na realidade sócio-histórica muito maior a qual o nosso país está fundamentado.

Destarte, a compreensão de ser humano trazida a este artigo será a de um ser integral formado a partir de um complexo arcabouço psicossomático e sócio histórico.

O QUE QUEREMOS DIZER?

Segundo Winnicott (1987, 1988) o ser humano necessita desde o início de sua vida de um meio que possibilite o desenvolvimento do potencial existente de integração psicossomática. No início, esse ambiente é oferecido pelo núcleo familiar que ao se identificar com o novo ser que acaba de chegar, consegue compreender, traduzir e atender às suas necessidades.



O atendimento fidedigno a essas necessidades cria uma “linha de continuidade do ser” (idem), que devido a sua previsibilidade permite a construção paulatina da noção de tempo e espaço, assim como, do processo de integração subjetiva do indivíduo que se constitui paulatinamente, integrando pouco a pouco as partes do que virá a ser tornar o si mesmo o “Eu Sou”.

Este pequenino, pouco a pouco se diferenciara formando a sua unidade, incorporando a sua psique neste soma que ainda não se reconhece como integral. Somente a partir da construção paulatina formada pela previsibilidade da linha de continuidade do ser é que acontece a elaboração imaginativa das funções corporais advindas das experiências de cuidado vividas através da relação materna com o corpo e com o atendimento fidedigno das necessidades do infans iniciando a psique. Este processo de elaboração imaginativa das funções corpóreas é que possibilitará a psique a sua união ao corpo formando a unidade psicossomática – o “Eu Sou”(Josgrilberg, 2006).

Faz-se necessário esta fusão inicial para que com a caminhada haja a compreensão do “Eu” como um, dois, três, e depois como uma pequena parte deste todo. Todo este constituído pela grande tessitura de realidades/ fenômenos sócios históricos que são constituídos e transformados a partir de “múltiplas determinações que lhe são constitutivas” (Rosa e Andriani, 2006, p.264).

Nos encontros com o ambiente, nas brincadeiras, na interação é que serão conhecidos mais claramente os seus códigos, compreendendo o mundo e preenchendo pouco a pouco a saúde mental. Encontros estes de cuidado e afeto oferecido inicialmente pela família, acrescido pelas experiências com o mundo externo, permitem a sua apreensão e, por conseguinte, a formação dos códigos de linguagem.

Na medida que cada ser humano é construído socialmente, na relação com a realidade e com os outros homens, ele se apropria também da história da humanidade; isto é, o homem não é só construído pelo meio social imediato, mas por todas as mediações nele contidas, pela história da humanidade e pela cultura que ela carrega (Rosa e Andriani, 2006, p.273)

Enfatizamos que o mundo possui uma realidade sócio histórica em que há a “primazia do ser sobre o pensar” (idem, pg.264) e que cada parte desta realidade se



constitui em uma formação material que expressará uma totalidade de determinações de relações que constituirão o fenômeno e que por ele são constituídos. Fenômenos que estão em constante transformação e que carregam em si mesmos suas determinações múltiplas, expressando muito mais do que a aparência dos fatos transmite.

Pois bem, e qual é a relação deste rápido preâmbulo com a questão aqui colocada?

Quando a variável raça é inserida neste contexto, deparamo-nos com as multideterminações que a mesma carrega, visto que o conhecimento depende da busca das determinações e relações intrínsecas e constitutivas do mesmo, sendo necessário compreendê-lo na totalidade em que se insere. Com isso, a concepção que aludimos da variável raça é de uma categoria que se insere nesse contexto brasileiro em que a cor da pele carrega toda uma propriedade sociopolítica, estruturas existentes que serão como aponta Laguardia (2004) responsáveis por certos estados patológicos.

Williams corrobora retratando que esta categoria “apreende a desigualdade e injustiças sociais que refletem o racismo (...) e (é) um princípio organizador fundamental para formação identitária, social e política em nosso país”. (Williams, 1997, p.216)

Prestes (2013) recorre a Bento (2001), Instituto AMMA Psique e Negritude (2007), Munanga(2005) e Werneck (2010) para explicitar que

Enquanto o racismo se apresenta como ideologia e serve de justificativa para dominação política, ao mesmo tempo em que o preconceito se apresenta como pré-julgamento, conjunto de pensamentos e sentimentos pejorativos antecipados à experiência, a discriminação, por sua vez, fundamenta-se no racismo, é inspirada pelo preconceito e se apresenta em forma de condutas, ações, omissões, comportamentos. É o fenômeno do racismo e do preconceito colocados em prática. São mecanismos de separação e inferiorização, de distinção e restrição ou privação de direitos. Quando, na relação interpessoal, a discriminação ocorre baseada em racismo, é chamada de discriminação racial. (Prestes, 2013, p.42)

Deste modo, haverá, como evidencia Podkameni e Guimarães, uma ruptura no processo de desenvolvimento emocional da criança e, por conseguinte, da pessoa negra, que será causada por um dos fenômenos constituintes de nossa nação, a escravização negra que foi perniciosamente transformada em racismo é causadora de



microtraumatismos cumulativos, estados cotidianos de alerta, que provocam situações de vulnerabilidade subjetiva. (Podkameni e Guimarães,2004)

Este pilar da nossa nação utilizou como estratégia de dominação a desvalorização, a tentativa invisibilização secular da ancestralidade negra, assim como, das necessidades destas mulheres e homens, através de atitudes ratificadas em projetos políticos e econômicos estruturados na subjugação de toda uma raça. Machado (2014, p.14) afirma que “a negação da história africana e afro-brasileira através da destituição concreta e simbólica de seus atributos, foi um dos parâmetros pelo qual o capitalismo brasileiro erigiu e até hoje se sustenta”.

Não podemos negar que o grande castigo dado aos filhos de Cam² perdura, apesar de possuir nova roupagem, até os dias atuais. Castigo que é evidenciado dia após dia com a negação de direitos, com algumas dificuldades presentes nas relações interpessoais, e na “manutenção do *status quo* e de privilégios etnoracialmente pautados” (Machado, 2014). Privilegio que segundo o autor, protegem, mantêm e perpetuam mecanismos e sistemas, muitas vezes invisíveis em nome de uma suposta democracia e igualdade racial.

Os fenômenos se qualificaram, mas a pedra fundamental está fincada em um projeto maior e anterior. É claro que várias estratégias de resiliência e de resistência foram e estão sendo desenvolvidas para o enfrentamento desta questão. Podemos citar as inúmeras dissertações e teses desenvolvidas por pesquisadores negros, outros tipos de publicações (artigos, livros, manuais de orientação), projetos e políticas públicas, os fundos de caixa para pagamento de alforria, revoltas não contadas nos livros infantis, movimento social negro, resistência religiosa desenvolvida e mantida a partir da grande criatividade, dentre outros.

² Gênesis 9.21–25: “Bebendo do vinho, embriagou-se [Noé] e se pôs nu dentro de sua tenda. Cam, pai de Canaã, vendo a nudez do pai, fê-lo saber, fora, a seus dois irmãos. Então, Sem e Jafé tomaram uma capa, puseram-na sobre os próprios ombros de ambos e, andando de costas, rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem. Despertando Noé do seu vinho, soube o que lhe fizera o filho mais moço. Então disse: “Maldito seja [ou “será”] Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos”. Passagem bíblica utilizada pela Igreja Católica para justificar o sequestro abusivo, a manutenção da subjugação e, a escravização negra, visto ser o continente africano, o suposto local para o qual Noé enviou Cam e todos os seus descendentes, os quais segundo a justificativa teriam a pele escura devido a exposição constante ao sol constante (punição).



No entanto, essa população ainda sofre com esta chaga estrutural que sangra sem encontrar o refrigério que a permita curar-se! Sem que toda a sociedade queira se implicar na necessidade da autorreflexão para a mudança deste grande projeto, visto que esta autorreflexão fará com que as benesses e a tranquilidade diante desta omissão secular também sejam refletidas.

Piza (2002) afirma que

O racismo, a despeito de todas as leis antidiscriminatórias e da norma politicamente correta da indesejabilidade do preconceito na convivência social, apenas sofreu transformações formais de expressão. Não é posto nem é dito, mas pressuposto nas representações que exaltam a individualidade e a neutralidade racial do branco – a branquitude – reduzindo o negro a uma coletividade racializada pela intensificação artificial da visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais. As consequências são inevitáveis: a neutralidade de cor/raça protege o indivíduo branco do preconceito e da discriminação raciais na mesma medida que a visibilidade aumentada do negro o torna alvo preferencial de descargas e frustrações impostas pela vida social. (p.23)

Logo, a discussão racial não pode e não deve ser tratada somente com negros, mas sim a partir da inclusão dos brancos, porquanto que o racismo é uma chaga que legitima simbolicamente a autoestima, a supremacia econômica, política e social dos últimos em detrimento dos primeiros.

REVERBERANDO A QUESTÃO...

Em uma manhã lá pelos anos de 1945, uma mulher negra, mãe de 04 filhos ao adentrar a sala da fazenda em que trabalhava ouviu a seguinte fala: “estudo de preto é foice, enxada e picareta”. Esta mãe indignada decidiu, para proteger seus filhos, que os enviaria para o colégio interno e/ou para casa de parentes moradores de regiões mais prósperas, visando viabilizar a ruptura daquilo que nem ela e nem os seus antepassados, que foram negros escravizados naquela mesma fazenda em que ela ainda trabalhava, tinham conseguido. Esse relato é de sua filha, mulher negra atualmente com 75 anos, que procurou por atendimento para aprender a lidar com o seu não sentir³.

Como já dissemos anteriormente,

³ O presente material de atendimento foi autorizado por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



O ser humano não nasce formado ou possuindo uma essência pronta e imutável; ao contrário, ele se constrói a partir das relações que estabelece com o meio e com os outros homens, num movimento dialético em que faz parte de uma totalidade e vai transformando-se em sua essência por um processo de complexificação e multideterminação. (Rosa e Andriani, 2006, p.272)

Este ser humano construído a partir das relações com a realidade se apropria de forma subjetiva deste social transforma-o, na tentativa de digeri-lo para então interiorizá-lo. Só que aqui a realidade espelha apontando a negatividade no fenótipo apresentado, desvalorizando suas potencialidades, suas características, seus traços, seu invólucro.

Ao tomar consciência deste processo, ao significar e traduzir os funcionamentos da sociedade, suas estruturas de relação e suas práticas sociais, a pessoa negra terá o seu EU SOU, sua unidade psicossomática, o seu ser e estar no mundo visto e espelhado como negativo.

Ressaltamos que a consciência é responsável pela forma como os indivíduos apreendem o mundo físico e social, uma vez que não é a mesma que determina a vida, mas sim a vida que a determinará, a qual seguirá mediante a incorporação dos signos a partir da vivência experiencial e, por conseguinte da linguagem. “Neste processo de subjetivação, o mundo objetivo é convertido para o subjetivo, produzindo-se um plano interno pela incorporação do externo...” (idem, p.272)

Como a pessoa negra apreenderá este processo? Como será a sua tomada de consciência? Destacamos que a saída para contato com o meio se faz em um momento em que a criança ainda está complexificando o seu arcabouço emocional, em tenra idade.

Tomemos como exemplo uma menina negra de apenas 2 anos e meio que diz para sua mãe puxando os seus cabelos que ele é feio⁴. De onde essa criança oriunda de um meio familiar negro, em que as características fenotípicas são valorizadas traz essa informação? Lembremos que a mesma está inserida em um macro ambiente - sua creche escola e que nas histórias retratadas sobre princesas, essas são em sua maioria brancas, com exceção de uma princesa Disney chamada Tiana e daquelas que essa mesma escola

⁴A criança aqui citada é filha da autora.



poderia e poderá introduzir se seguir as diretrizes estabelecidas na lei 10.639/03⁵. Reproduzindo em momento muito precoce o ataque, a intolerância e a desqualificação dos seus traços, do seu EU SOU, vivência que por ser estressora e incompreensível, foi expressada pelo comportamento desesperado de puxar os cabelos transformando o incompreensível para sua capacidade emocional em um auto ataque, único recurso possível para aquela criança naquele momento.

Podkameni e Guimarães (2004) apontam que o indivíduo negro ao sair de seu núcleo familiar primário, constituinte e alimentador do espaço potencial, campo imaginário de “mediação, de transição, entre aquilo que o indivíduo necessita, deseja, e aquilo que pode obter em função das possibilidades e limites que a vida e a cultura apresentam” (Guimarães, 1998, p.18), é impedido de realizar seus reais potenciais, em virtude da discriminação, do racismo, e dos ataques as suas características fenotípicas.

Para esses autores, essas condições adversas provocam uma dor psíquica que por ter sido historicamente silenciada, negada, banalizada e naturalizada, tem seu risco social, psíquico, psicossomático e até físico esvaziado.

Como a tomada de consciência de tal situação é processada? Para onde irão esses ataques vividos, sentidos e que o arcabouço verbal por vezes não consegue dar conta por se iniciar na tenra idade?

O ataque racial a criança negra se inicia em um momento que por si só já é uma situação conflitiva e de ameaça a homeostase psicofisiológica, visto que se trata da saída desta de seu núcleo familiar para adentrar ao todo aqui representado pela escola, primeiro contato da mesma com a sociedade. Tal situação já é naturalmente geradora de ansiedade ante ao novo, ao desconhecido. Se esse novo, ataca a sua unidade psicossomática, a qual é apresentada pelo seu corpo e suas características, não há possibilidade de compreensão e por consequência, de elaboração.

Vale a pena ressaltar, que nesta fase a criança ainda não possui condições emocionais para verbalizar os seus sentimentos, uma vez que ainda está também compreendendo e nomeando o que mais tarde chamaremos de sentimentos, sensações e emoções. Apesar de mais velha a sua vivência ainda acontece na maior parte pela via de expressão corporal.

⁵ Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".



Com isso, Guimarães e Podkameni (2008) afirmam que:

(...) o racismo promove estados cotidianos de alerta nas pessoas negras. Entendemos que são estados de não-reposo e que impedem o acionamento das qualidades naturais ao espaço potencial de ser um campo de mediação psíquica, e de acionamento da percepção criativa. Se objetiva, sobretudo, por intermédio do olhar que acompanha, que não aceita, que desvaloriza. Se objetiva por intermédio de atitudes que invisibilizam e ao mesmo tempo, silenciam. E isso acontece desde que a criança sai do núcleo familiar primário e se dirige à sociedade ampliada e mantém-se por toda a vida da pessoa negra (p.)

Podkameni e Guimarães (2006) colocam ainda que há uma dupla mensagem cotidiana na expressão do racismo, que não é só mensagem, porque não está apenas na linguagem, mas também na ação cotidiana sobre os corpos negros, provocando um tensionamento contínuo e cumulativo, impedindo o exercício natural da cultura como meio ambiente bom o bastante, impossibilitando a vivência natural e de direito, da cultura como espaço de repouso.

A cultura é um dos elementos fundamentais para a realimentação do campo imaginário de escoamento de elaboração psíquica que é o espaço potencial⁶. Dessa forma, a vivência do racismo cria tensões excessivas e cumulativas, as quais não encontram a possibilidade de serem escoadas mentalmente, uma vez que há uma “situação conflitual traumatizante”⁷ que dificulta o amadurecimento e o enriquecimento do espaço potencial.

O desenvolvimento maturacional inscrito na subjetividade da criança se choca com a sociocultura racista faltando assim, elo de ligação, um quantum de identificação necessário a este campo de mediação, instaurando assim, uma comunicação paradoxal patogênica exacerbando situações de ruptura entre realidade interna e externa criando uma situação traumática por ultrapassar a capacidade de ligação do eu

Isso posto, ao pensarmos neste invólucro – compreenderemos que o corpo negro

(...) meio de satisfação do sujeito negro, traz já inerente a marca do indesejável e irreconhecível. A partir dessa marca e dessa dinâmica psíquica, efeitos psicossociais são observados, como vergonha de si, processos autodestrutivos, ou a convicção que muitos (as) negros (as) carregam de que ser bom não é o

⁶Campo imaginário que se inicia na relação com o ambiente familiar continua como importante elemento de mediação psíquica, encontrando nos processos da cultura a continuidade do acolhimento oferecido inicialmente, exercendo a sociocultura um papel fundamental na manutenção e retroalimentação do mesmo. Winnicott, [1987](1988).

⁷ Podkameni e Guimarães cunham este conceito para descrever a exposição a vivência de racismo, desigualdade, intolerância e preconceito vivida desde a infância e mantida por toda vida (2008)



suficiente, tem que ser irretocáveis no que fazem, para evitar o julgamento de que continuam sendo inaceitáveis. (Prestes, 2013, p.46)

Refletindo sobre este corpo constantemente atacado e às doenças crônicas e não transmissíveis que acometem de forma demasiada essa população, lançaremos luz para o campo denominado de transtorno psicossomático. Entenderemos que essa maior vulnerabilidade apresentada por este grupo específico de pessoas no campo somático será, muitas das vezes, resultado da vivência cotidiana de tensões excessivas e cumulativas que por não encontrarem a possibilidade de serem escoadas mentalmente, justamente por não terem as excitações sentidas e elaboradas, propiciam tensões que são descarregadas de forma patológica nos aparelhos somáticos desencadeando assim, uma “situação de vulnerabilidade psicossomática.” (Podkameni e Guimarães, 2006, p.149)

No entanto, destacamos que

(...) a maioria das doenças que afetam a população negra, são as mesmas da população de um modo geral. O que diferencia a população negra da população branca é um perfil mais crítico de saúde, que é recorrente de diferentes contextos históricos, recorrência essa que deve ser pautada no racismo (...) (Barbosa, 1998, p.100)

Esse perfil mais crítico de saúde se apresenta na vulnerabilidade psicossomática ratificada pelos inúmeros casos de hipertensão, diabetes, obesidade, dentre outros quadros patológicos em que os escores apresentam os negros de forma significativa. É claro que essas patologias devem ser também compreendidas em toda sua amplitude e complexidade, contudo pesquisas apontam para os altos índices nesta população.

Sampaio (2009) em pesquisa realizada com mulheres negras hipertensas apontou para uma tendência bastante crítica quanto à incidência e repercussão da patologia em um grupo de 15 mulheres entrevistadas, visto que 80% delas possuíam níveis moderados, 20% severo; e em 40% o diagnóstico havia sido realizado quando tinham entre 19 e 30 anos.

A paciente da “foice, enxada e picareta” citada anteriormente, procurou atendimento psicológico para compreender o fato de não expressar sentimentos ante situações extremamente dolorosas, contudo, a mesma é diabética, hipertensa, ansiosa (com acompanhamento psiquiátrico de anos). Pergunto, para onde vai o não sentir? Ela supostamente não sente as emoções, mas o seu corpo sente e muito esta repercussão.



Destacamos que a única emoção identificada pela mesma foi a ansiedade. Freud (1977) diz que a ansiedade se instaura a partir de uma angústia automática que funciona como protetora no nosso corpo contra situações traumáticas.

A ansiedade é abordada por Mello Filho (1994) como uma das energias geradoras básicas dos sintomas psicossomáticos, a qual justamente por ter seu caráter inconsciente, busca a via da expressão corporal. Ele destaca que:

A ansiedade é sempre decorrência de uma situação conflitiva que pode ser parcial ou totalmente inconsciente. Tais conflitos podem se dar entre o indivíduo e o meio ambiente – conflitos externos mais conscientes e menos profundos – ou entre partes da própria personalidade- conflitos internos, mais inconscientes e mais inacessíveis. Estes são os nossos verdadeiros conflitos e pode-se afirmar que os conflitos externos são tão mais patogênicos quanto mais intensificam os conflitos do nosso mundo interno, gerados ao longo do nosso desenvolvimento. (p.26)

Ao relacionarmos a ansiedade como um dos resultados da vivência de racismo compreenderemos que ao ter o seu ser menosprezado, pelo olhar, pela não valorização, é, ser violentado cotidianamente por esta ideologia que se manifesta eficazmente, constantemente e cruelmente nas inúmeras esferas da sociedade, não permitindo pausa ou repouso para a sua elaboração. A falta de pausa ou repouso, não só reatualiza o alerta para defesa, como o trauma, por isso, a ferida não cura. O não encontro de um remédio, de um refrigério não permite o relaxamento e muito menos a quebra do ciclo vicioso de constante vigília consigo e com o outro.

Nogueira (1998) exemplifica muito bem essa situação:

No negro, a vergonha de si, desencadeada pelo insulto, reencontra a marca da imperfeição a que, desde sempre, seu próprio corpo esteve associado. Tal marca, que ele não pode esconder, é, no entanto, desde sempre, visto como um defeito do seu corpo que ele tenta, todo tempo corrigir. A pele que o reveste assume, assim, a característica de uma mancha: o defeito a ser escondido, a cor negra. (p.101)

A vergonha de seu si mesmo potencializa o sentimento de menos valia, o sentimento de culpa, a defesa fóbica, a depressão, a ansiedade, os transtornos psicossomáticos, assim como os estados de raiva reativa, irritabilidade consigo mesmo e com o próximo (Podkameni e Guimarães, 2017, p.261)

Sampaio (2009) retratou o quanto a vivência do estresse, associada as vivências de racismo potencializavam nas mulheres negras pesquisadas, uma vulnerabilidade



somática exacerbada e por vezes desvalorizada, não havendo, como no caso da paciente supracitada, uma valorização dos sintomas apresentados. A não valorização advém do processo que é ter um corpo que socialmente e historicamente está ligado a força e ao não sentir, ligado ao silenciamento das suas necessidades levando o mesmo a uma exaustão sem que haja a possibilidade de identificação com as suas demandas. Por isso, a paciente busca aos 75 anos, o processo terapêutico para entender o “não sentir” (sic.)

O corpo não chora em lágrimas, mas chora com as dores de um corpo sempre atingido pelo excesso de questões e reações físicas e emocionais não valorizadas, fazendo com que as mulheres negras sejam conduzidas de tal forma à loucura, se tornando especialistas em camuflar a angústia. (Adisa,2006, p.113)

Whyte (apud Adisa, 2006, p.111) destaca que:

(...) vários estudos mostram que o stress conduz a diversos problemas emocionais e físicos, os quais afetam mulheres negras em maior proporção. Esses problemas incluem, por exemplo, doenças cardíacas, depressão, úlcera, hipertensão, uso excessivo de drogas e álcool.

Sampaio (2009,2011) cunhou a metáfora “trança perversa” para retratar a característica das situações vividas por esta população

“trança” é bastante apropriado, porque estamos tratando de fenômenos advindos de um complexo e firme sistema de entrelaçamento entre situações contínuas e históricas da falta de atendimento às necessidades básicas dessa população pelo não cumprimento real dos seus direitos humanos e civis (...) o adjetivo “perversa”, pois a falta de atendimento é historicamente banalizada, silenciada e tornada natural, com impactos deletérios a essa população. (p.121)

Destarte, o stress citado acima é resultado da vivência cotidiana desta trança perversa de vulnerabilidades. O corpo passa a ser o campo de batalha das repercussões psíquicas onde se estabelecerá as doenças físicas e emocionais. Corpo este que grita por auxílio sem encontrar eco, sem encontrar sustentação, amparo e relaxamento. Ao não ser ouvido, este corpo adoece, e se transforma em um corpo sobrecarregado sem a possibilidade de exercer tranquilamente o seu ser e estar no mundo, que por si só, já possui a sua complexidade.

Questionamos, portanto, qual será o papel do psicólogo neste caso? Como oferecer um *setting* com o olhar acolhedor se não houver a compreensão e reflexão crítica acerca do impacto do racismo na subjetividade?



CONCLUINDO...

Segundo Rosa (2014) o racismo é um tema muito abordado pelas ciências sociais e na história, mas pouco abordado na literatura psicológica. Tais lacunas de pesquisa podem, em parte, serem referidas à frequente posição dos intelectuais de que o recorte de classe social no Brasil é prioritário, no entanto de acordo com a autora, ” parece haver uma carência de solidariedade da população, ou de identificação solidária permanecendo estes grupos ainda sob a égide de “outro grupo””. (Rosa ,2014, p.20)

Essa falta de solidariedade silencia estrategicamente a questão mantendo o *status quo*, com isso, o aluno da graduação em psicologia, futuro profissional, passará a maior parte da sua formação, quiçá toda, sem sequer pensar a especificidade e a importância do olhar para a questão racial no desenvolvimento de sua atuação profissional nos diversos campos que a profissão permite. Ressaltamos que ao nos referir a população negra, estamos apontando para quase 60% da população brasileira presente, portanto nos mais variados campos de atuação da psicologia, a saber: organizacional, educacional, hospitalar, clínica, institucional, ou seja, em todos os campos de atuação do profissional psicólogo (a) brasileiro(a)⁸.

O silenciamento ante a questão pode levar a uma formação em que não há espaço para o acolhimento do discurso da vivência de discriminação, gerando uma desvalorização do relato da pessoa negra, neutralizando-o e inserindo-o em um plano em que há a supremacia da responsabilização individual sobre a realidade sócio-histórica-política-econômica-ideológica-cultural, a qual essa subjetividade em questão está enredada/ envolvida.

A compreensão deste processo de silenciamento não pode se dar sem que seja feita uma análise do desenvolvimento da psicologia no Brasil. Sabemos, que esta área do saber se manteve durante muito tempo e até os dias atuais com sua ênfase em prestar atendimento clínico a população com maior poder aquisitivo.

Ao relacionarmos esta realidade com o processo sócio histórico de nosso país, não podemos deixar de pontuar o lugar que devido a forma de colonização brasileira,

⁸ Em rápida pesquisa realizada pela autora em 11/04/2017 aos sites de (04) quatro universidades públicas do estado do Rio De Janeiro, somente (01) tinha uma disciplina específica para abordar questão racial e subjetividade.



assim como, a forma como se deu todo processo abolicionista, fez com que a maior parte da população, diga-se de passagem, preta e parda, fosse estigmatizada, criminalizada e supostamente colocada à margem da sociedade por um projeto político eugenista e higienista que a psicologia também contribuiu.

Projeto que além de acreditar no branqueamento da população a partir da miscigenação causada com a entrada dos inúmeros imigrantes, pautou o olhar de todas as políticas de saúde, incluindo as de saúde mental⁹.

Sabemos da mudança de paradigma que foi e vem sendo perseguida de forma efetiva por inúmeros profissionais brasileiros da área no sentido contrário a essa citada, no entanto, ao constatar o quão incipiente ainda se faz a discussão sobre a temática enfatizamos que as grades curriculares do curso de psicologia precisam conduzir a esta reflexão crítica, compreendendo o processo saúde e doença como produzidos a partir das relações sociais, somente a partir desta possibilidade de lidar com a realidade e com os obstáculos por ela impostos é que alcançaremos a saúde.

Concluimos, deste modo, apostando na urgente necessidade da autorreflexão crítica efetiva por parte dos corpos docentes e dos profissionais da sua compreensão pessoal acerca do significado atribuído a temática em questão. Somente a partir desse processo é que haverá um fortalecimento neste campo. Lembramos que a psicologia é a ciência da relação, da compreensão do ser, com isso, possuímos uma grande responsabilidade com a nossa atuação, assim como com a nossa omissão. Não há possibilidade em nosso contexto de uma neutralidade acerca de tal assunto, pois que a mesma será indicativa deste silenciamento que reforça e mantém estrategicamente a trança perversa criada pela ideologia racista em nosso país.

Todas as manhãs acoito sonhos
e acalento entre a unha e a carne
uma agudíssima dor.
Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida cavando, cavando torrões de terra, até lá, onde os homens
enterram
a esperança roubada de outros homens.
Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo, âncora dos navios de nossa memória.

⁹ Elisa Larkin Nascimento (2003) faz uma análise primorosa sobre a avaliação psicológica deturpada que prevaleceu por muito tempo na psicologia brasileira acerca da compreensão da subjetividade da pessoa negra.



E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.
Evaristo (2008, p.13)

REFERÊNCIAS

- ADISA, O.P. (2006) – Balançando sob a Luz do Sol: Stress e Mulher Negra . In: WERNECK, J. MENDONÇA, M.; WHYTE, E.C. - *O Livro da Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos Vêm de Longe*. Pallas/Criola: Rio de Janeiro .2ª ed.p.111-115
- AGUIAR, W.M.J.(2000) – Reflexões a partir da Psicologia Sócio-Histórica sobre a Categoria “Consciência” – *Cadernos de Pesquisa*, n.110.p.1-20
- AYRES, J.R.C.M.; FRANÇA JUNIOR, I.; CALAZANS, G.J.; SALETTI, F.H.S (1998) – Vulnerabilidade e Prevenção em Tempos de Aids. In: BARBOSA, R.; PARKER, R.(organizadores). *Sexualidades pelo Avesso: Direitos, Identidades e Poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; Editora 34: São Paulo, p.49-72
- ARAÚJO, M.J.O. (2001) - Reflexões sobre a Saúde da Mulher Negra e o Movimento Feminista - *RedeSaúde*, n. 23, p.40-45.
- BARBOSA, M. I. da S. (1998)- *Racismo e Saúde* - Tese (Doutorado em Saúde Pública)- Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – São Paulo.
- _____. (2001) É Mulher, mas é negra: perfil da mortalidade do ‘quarto de despejo’- *RedeSaúde*, n. 23, p. 59-62.
- BATISTA, L.E., ESCUDER, M.M.L., PEREIRA, J.C.R. (2004) - A cor da morte: causas de óbito segundo características de raça no Estado de São Paulo, 1999-2001. *Revista de Saúde Pública*, v.38,n.5
- BATISTA, L.E.; VOLOCKO, A.; FERREIRA, C.E.C; MARTINS, V. (2004) Mortalidade da População Adulta no Brasil e Grandes Regiões segundo Sexo e Raça/Cor. In: LOPES, F. (organizadora) *Saúde da População Negra no Brasil: Contribuições para a Promoção da Equidade* [Relatório Final – Convênio UNESCO Projeto 914BRA3002]. FUNASA/MS: Brasília.
- CARNEIRO, S. (2003) – Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS E TAKANO CIDADANIA (organizador)- *Racismos Contemporâneos*. Takano: Rio de Janeiro. P.49-58
- CARONE, I.; BENTO, M.A.P.S (2002) – *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento*- Vozes : Petrópolis.
- Conselho Federal de Psicologia (2017) - *Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os*. Brasília: CFP.
- CHAGAS, R.S. (2014) – A união faz a força: expressões do mito familiar em famílias negras – *Intermeios*: São Paulo.



EVARISTO, C. (2008) – *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* – Nandyala (Coleção Vozes da Diápora Negra, V.1): Belo Horizonte.

FANON, F. (1983) – *Pele Negra, Máscaras Brancas* – Editora Fator: Rio de Janeiro.

FERREIRA, R.F. (2002) – O Brasileiro, o Racismo Silencioso e a Emancipação do Afro-Descendente. *Psicologia e Sociedade* – v.14,n.1.p..69-86

FREUD, S. (1977) – *Inibições, Sintomas e Angústia* – Edição Standard das Obras Completas, vol.XX. Imago: Rio de Janeiro

GUIMARÃES, M.A.C (1998) - A área de ilusão e a subjetividade afro-descendente do Brasil. Boletim Arayê Especial: *II Seminário Nacional: A Comunidade Afro-brasileira e a Epidemia de HIV/AIDS* – Rio de Janeiro, ABIA, p.18.

_____. (2000) *A rede de sustentação: um modelo winnicottiano de intervenção na saúde coletiva*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), PUC/RJ

_____. - *Comunicação apresentada no Seminário de Metodologia da Pesquisa em Psicossomática*, organizado pela Fundação Educacional Serra dos Órgãos e Instituto Ori/Aperê, Rio de Janeiro, UERJ, em 18/11/2004.

_____. (2006) A Rede de Sustentação: Afro-Descendência, Situação de Vulnerabilidade Subjetiva e Psicossomática. In: PODKAMENI, A., PAES CAMPOS, E.; GUIMARÃES, M.A.C (orgs.). *Winnicott e a Pesquisa em Psicossomática: Um Novo Olhar*- Rio de Janeiro: Publitt Soluções Editoriais, 2006, p.141-154

GUIMARÃES, M.A.C. e PODKAMENI, A (2008) – A Rede de Sustentação Coletiva, Espaço Potencial e Regate Identitário: Projeto Mãe-Criadeira. *Revista Saúde e Sociedade*. v.17,n.1,p.117-130.

_____. (2012) – Racismo: um mal-estar psíquico. In: BATISTA, L.E.; WERNECK, J.; LOPES, F. (orgs). *Saúde da população negra*. Associação Brasileira de Pesquisadores Negros: Brasília. P.262-272. 2ª ed.

_____. (2016) – Espaço potencial, população negra e sofrimento psíquico. In: *Interface: Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*. v.15. n. 1 e 2.

HENRIQUES. R. (2003) - Silêncio – O Canto da Desigualdade Racial. In: ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS E TAKANO CIDADANIA (organizador) - *Racismos Contemporâneos*. Takano Editora: Rio de Janeiro. P.13-17

JOSGRILBERG, F.P.(2006) – *O lugar do corpo na psicanálise de Winnicott*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo. Pontifícia Universidade Católica

LAGUARDIA, J. (2004) – O Uso da Variável “Raça” na Pesquisa em Saúde – *Physis: Revista Saúde Coletiva* – v.14, n.2, p.197-234

_____. (2005) – Raça, genética e hipertensão: nova genética ou velha eugenia? - *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos. V.12,n.2,p.371-393

LESSA, I. (2001) –. *Manual de doenças mais importantes, por razões étnicas, na população brasileira afro-descendente* /Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.78 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos; n. 123) 43-52

LOPES, F. (2003) – *Raça, Saúde e Vulnerabilidades*. BIS, vol.31.P.7-10

_____.(2004) – *Seminário de Saúde da População Negra*. Caderno de textos básicos. Brasília. SEPPPIR.

_____. (2005) Experiências desiguais ao nascer, viver adoecer e morrer: tópicos em saúde da população negra no Brasil. *Saúde da população negra no Brasil: contribuição para promoção da equidade* – Fundação Nacional de Saúde: Brasília FUNASA. p. 8-48.



- MACHADO, C.E.D. (2014) – Prefácio. In: CHAGAS, R.S. (2014) – *A união faz a força: expressões do mito familiar em famílias negras* – Intermeios: São Paulo. P.13- 19
- MIRANDA, M.A. (2004) – *A beleza negra na subjetividade das meninas. “Um caminho para as Mariaszinhas”*: considerações psicanalíticas. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo.
- NASCIMENTO, E.L.(2003) – *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. Summus: São Paulo.
- NOGUEIRA, I.B.(1998) – *Significações do corpo negro* - São Paulo, Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo
- PAIXÃO,M.; CARVANO, L.M.F;OLIVEIRA, J.C.; ERVATTI, L.R. (2005) – *Contando vencidos: diferenciais de esperança de vida perdidos segundo os grupos de raça/cor e sexo. Saúde da população negra no Brasil: contribuição para promoção da equidade* – Fundação Nacional de Saúde: Brasília FUNASA.p 49-190.
- PODKAMENI, A. e GUIMARÃES, M.A.C (2004) – Afro-descendência, Família e Prevenção. In: MELLO FILHO, J. e BURD, M - *Doença e Família*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p,123-139.
- PRESTES, C.R.S. (2013) – *Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras*. Resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e pertencimentos – São Paulo, Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de São Paulo
- ROSA,E.Z.;ANDRIANI,A.G. (2002) – *Psicologia Sócio-Histórica: Uma Tentativa de Sistematização Epistemológica e Metodológica*. In: KAHHALE,E.M.S.P (organizadora). *A Diversidade da Psicologia: Uma Construção Teórica*. Cortez: São Paulo. p.259-288
- ROSA, D.R.(2014) – Apresentação – In: CHAGAS, R,S. (2014) – *A união faz a força: expressões do mito familiar em famílias negras* – Intermeios: São Paulo. P.21-25
- SAMPAIO, A.S. (2012) – *Ecos do silêncio: reflexões sobre uma vivência de racismo*. In: BATISTA, L.E.; WERNECK, J.; LOPES, F. (orgs). *Saúde da população negra*. Associação Brasileira de Pesquisadores Negros: Brasília. P.262-272. 2ª ed.
- _____.(2011) - *Ecos da hipertensão: as vivências de mulheres negras*, In: SILVÉRIO, V.R.; PINTO, R.P.; ROSEMBERG, F. *Relações raciais no Brasil: pesquisas contemporâneas*. Contexto. São Paulo. P.
- _____. (2009) – *Ecos da hipertensão: a vivência de mulheres negras no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo. Pontifícia Universidade Católica
- SEYFERTH,G.(2002) – *O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre racismo*. In: *Racismo no Brasil*. ABONG, São Paulo: Petrópolis.
- THALENBERG,J.M. (2004) – *Aspectos psicossomáticos da hipertensão arterial. Psicossoma I: Psicanálise e Psicossomática*. Casa do Psicólogo, São Paulo – p.199-210.
- TRAVASSOS, C.; WILLIAMS, D.R. (2004) – *The Concept and Measurement of Race and their Relationship to Public Health: A Review Focused on Brazil and the United States*. *Cadernos de Saúde Pública*, v.20,n.3, p.660-678
- WERNECK.J. COLETÂNEA DE INDICADORES DAS DESIGUALDADES RACIAS E DE GENERO NO BRASIL I E II -. Criola.
- _____.*CARTILHA SOBRE A SAUDE DA POPULACAO NEGRA*. (2003). Volume I. Secretaria de estado do Rio de Janeiro.
- _____.*CARTILHA SOBRE A SAUDE DA POPULACAO NEGRA*. (2004). Volume II. Secretaria de estado do Rio de Janeiro.



_____. CADERNOS CRIOLA I E II.

_____. (2001) AIDS: A Vulnerabilidade das Mulheres Negras. *RedeSaúde*, n. 23, p.53-58

WINNICOTT, D.W. [1971](1975) – *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago.

_____. [1987](1988) – *Os bebês e suas mães*. São Paulo, Martins Fontes.

Participação e Controle Social para Equidade em Saúde da População Negra (2007). CRIOLA: Rio de Janeiro.

*Recebido em outubro de 2017
Aprovado em janeiro de 2018*